

MADRIGAL PSYCHOPHÁRMACON

DEPARTAMENTO DE PSICOBIOLOGIA DA

ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA

E

ASSOCIAÇÃO FUNDO DE INCENTIVO À PSICOFARMACOLOGIA

ΨΥΧΟΦΑΡΜΑΚΟΝ.

Hoc est:

MEDICI-
NA ANIMAE, NON
AEGROTIS SOLVIM, AVT
cum morte conflictantibus, sed etiam his,
qui prospera valetudine praediti
sunt, et quodam otulis ac
necessariis

ACCESSERVNT UTILISSIMAS CO-
gnita Morte comminationes, et confidenter, et
Autoritas deficiente monitione deponunt,
et in otiosa Quiescenti contenta.

Collectore REINHARDO LORI-
CIIIO Mademora

SENECA.

Locutus est, quo se loco morte expectat, itaque in
illam omni loco expecta.

Programa do dia 15/07/1988

40ª Reunião Anual da S.B.P.C.

Local: Anfiteatro da História e Geografia – USP

Hora: 15:00 horas

ATENÇÃO : NOVO ENDEREÇO:
ANFITEATRO DA POLI-ELÉTRICA - USP

INTEGRANTES DO MADRIGAL

Sopranos

Pergy Nely Grassi
Marisa Franco Onofre
Simira P. Gonçalves
Cristina Cordeiro

Contraltos

Sílvia Vitorino Pereira
Maísa dos Santos
Erci Kimiko Inokuchi

Tenores

Clóvis Afonso de André
Eduardo Bochicchio
Rúben de Oliveira

Baixos

Paulo F. Bento
Álvaro Luiz Carlini
Mauro Cezar de Mattos

Regente

SAMUEL KERR

COORDENADORES

Parte Musical

Samuel Kerr - I.A.P. - UNESP
Álvaro Luiz Carlini

Parte Psicofarmacológica

Elisaldo A. Carlini - E.P.M.

I - Justificativa

O Madrigal Psychophármakon surgiu no início de 1988 tendo como proposta musical duas idéias básicas: o que foi e o que significa atualmente a Psicofarmacologia.

Ao contrário do que comumente se acredita, esta palavra não foi criada para designar a classe de drogas com ação no sistema nervoso central, modificando aspectos psico-comportamentais.

Na realidade, o primeiro registro deste vocábulo data de 1548, em um livro escrito em latim, editado por Reinhardo Lorichio, em Hadamario (noroeste de Frankfurt). Todavia, este não é um livro médico, mas sim teológico, ensinando para as pessoas sadias e doentes a antevisão religiosa-cristã de uma boa morte. Desta forma, na data de seu primeiro registro (1548), o sentido da palavra Psicofarmacologia estava ligado a sua etimologia, ou seja, Psico = Alma e Fármaco = Medicamento, "Remédio da Alma". Assim, psicofármaco o "remédio da Alma", designava originalmente, rituais religiosos para facilitar a morte, amenizando a agonia da passagem vida-morte, procurando fazer com que a Alma ascendesse suavemente. Várias são as manifestações musicais que expressam tal fato, e se extendermos um pouco mais, a música em si é um "remédio da Alma". Por outro lado, um importante capítulo da atual Psicofarmacologia estuda o uso de plantas com ação central, principalmente daquelas com efeito alucinogênico (psicomiméticos, psicodislépticos).

Há, no Brasil, um rico folclore que utiliza estas plantas associado à música. O Madrigal Psychophármakon abordará em suas atividades, manifestações musicais que se enquadrem, de maneira ampla, na etimologia da palavra "psicofármaco" e nos atuais caminhos da Psicofarmacologia.

II – Programa

- 1 – "Aê Aná" (Candomblé de caboclo, Bahia, ervas)
recolhido por Camargo Guarnieri
arranjo – Álvaro Carlini
- 2 – "Galo Preto" (Catimbó, Paraíba, maracujá)
recolhido por Mário de Andrade
arranjo – E. Mahle
- 3 – "Toré" (Toré, Alagoas, jurema)
recolhido por Alceu Maynard Araújo
arranjo – Aricó Júnior
- 4 – "Catimbó" (Catimbó, Rio Grande do Norte, jurema)
recolhido por Mário de Andrade
arranjo – Álvaro Carlini
- 5 – "Tamba-tajá" (Amazonas, tamba-tajá)
recolhido por Waldemar Henrique
arranjo – Nivaldo Santiago
- 6 – "Santo Daime" (Santo Daime, Acre, caapi)
transcrita por Álvaro Carlini
arranjo – Pedro Veneziani
melodias extraídas:
Hinário do Cruzeiro (Mestre Irineu)
"Eu tomo esta bebida", n.124
"Eu venho da Floresta", n.138
"A Rainha da Floresta", n.61
Hinário Padrinho Paulo Roberto
"Da Lua eu tenho tudo", n.1
- 7 – "Aê Aná" (Candomblé de caboclo, Bahia, ervas)

III – Sobre as manifestações folclóricas

Candomblé de caboclo – exemplo perfeito de sincretismo, onde o candomblé (origem africana) se mistura ao elemento indígena, o caboclo. Como no toré e catimbó, sua prática é dirigida basicamente pelo baixo-espiritismo com caráter medicamentoso, utilizando para tal uma vasta flora medicinal. É encontrado principalmente na Bahia.

Tamba-tajá – no nosso folclore existe uma bonita canção, recolhida por Waldemar Henrique, que nos fala sobre o Tamba-tajá, que é a flor do amor. Conta-se que na tribo dos macuxis havia um índio que gostava muito de sua mulher e, onde quer que fosse, sempre a levava consigo – tanto para a luta, como para a pesca. Certa vez, ela estando doente e não podendo andar, fez o índio um saco com folhas de bananeira, para que ela pudesse ir junto com ele. Mas ela continuou adoecendo e acabou morrendo. Sentindo o índio que não poderia viver sem a sua mulher, enterrou-se com ela. No lugar onde eles estavam enterrados nasceu um Tajá, que logo deu uma linda flor que os índios denominaram de Tamba-tajá, que quer dizer "flor do amor".

Catimbó – o catimbó não é religião. É feitiço, coisa-feita; procede a sua prática o baixo-espiritismo, o caráter medicamentoso, os conselhos de bem viver, o uso de amuletos orações, remédios, dietas e feitiços para afastar forças inimigas ou provocar a correspondência amorosa. Catimbó quer dizer cachimbo, usado pelo mestre na defumação da jurema. Além de defumada, a jurema é misturada a aguardente, também presente a todas sessões. Várias outras ervas são importantes no catimbó (alecrim, cidreira, mangericão, mulungu, etc.), constituindo uma grande flora medicinal.

O mestre recebe o espírito de um mestre defunto (mestre Carlos, Xaramundi, Turoetá, Manicoré e muitos outros), que pode tanto ser bom como mal. Todos, no entanto, "acostam", receitam e aconselham, e cada um deles é precedido pelo canto da "linha", melodia privativa que anuncia sua chegada. Não há indumentárias ou decoração especial. Sua origem, segundo Luis da Câmara Cascudo (Dicionário do Folclore, Ed. Itatiaia, 5a. ed., 1984), remonta à bruxaria medieval européia que foi, num processo inevitável, diluída e misturada com elementos negros e ameríndios. Por este sincretismo, o *catimbó* guarda semelhança com o *toré* e a *pajelança*. Atualmente, ainda pode ser encontrado nas regiões norte e nordeste. **Toré** — além de designar alguns instrumentos (buzina, flauta), significava também uma dança indígena, ainda em voga em princípios do sec. XX. A dança era cantada. Alceu Maynard de Araújo registrou em Piaçabuçu, margem do Rio São Francisco, Alagoas, um *Toré* como variante do *Catimbó*, com os mesmos mestres defuntos (caboclos) "baixando" para ensinar remédios e aconselhar.

Santo Daime — culto brasileiro de caráter católico popular, sediado principalmente nas regiões do Acre e Amazonas, que utiliza em seu ritual uma beberagem feita com a *Banisteriopsis caapi* (chamada de cipó ou jagube), e a *Psychotria virides* (chamada de mesca ou Rainha). A esta bebida dá-se o nome de "Santo Daime". O culto foi fundado pelo Mestre Raimundo Irineu Serra, nascido no Maranhão em 1892. Em 1912, com 20 anos de idade, transferiu-se para o Acre, destinando-se aos seringais na fronteira com a Bolívia. Por esta época, conheceu Antonio Costa que lhe apresentou a bebida *huasca*, onde recebeu a Força e a Revelação para fundamentar a Doutrina do Santo Daime. Em 1930, transferiu-se para Rio Branco, abandonando a antiga profissão; tinha nesta época 39 anos. Em 1935, passou a receber hinos. Estes cânticos, segundo consta, eram recebidos do Astral, ou da Realidade Espiritual. Dizem que ele não sabia cantar nem tinha voz para tal e que foi a Virgem Mãe Espiritual que

lhe ordenou que cantasse para ensinar a seus irmãos. Atualmente, o culto conta com centros localizados em Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, etc. e tem cerca de 6000 seguidores.

Bibliografia Consultada

1. Cascudo, Luis da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Ed. Itatiaia Ltda., 5a. ed., 1984.
2. Cascudo, Luis da Câmara. Meleagro. Ed. Agir, 1951.
3. Andrade, Mário de. Música de Feitiçaria no Brasil. Ed. Itatiaia, 1983.
4. Andrade, Julieta de. Música e Dança na "miração" do Santo Daime. Em: Musicas Aptatio. Urbaniana University Press, pg. 299, 1981.
5. Mestre Irineu. Hinário do Cruzeiro. Edição do Centro da Fluente Luz Universal Sebastião Mota de Melo, 1986.
6. Gomes, Neide Rodrigues. Apostila da Cadeira de Folclore do antigo Instituto Musical de São Paulo.